

MANCHETES DE JORNAIS *ON LINE*: GRAU DE TRANSITIVIDADE E
EMPREGO DO PRESENTE DO INDICATIVO EM REFERÊNCIA
AO PASSADO RECENTE

Jussara Abraçado

Universidade Federal Fluminense
almeidamja@globo.com

Caroline Soares da Silva

Universidade Federal Fluminense
caroline.soares@gmail.com

RESUMO:

Neste artigo, analisamos, sob a perspectiva teórica da Linguística Funcional e, mais especificamente, sob o viés da transitividade, nos moldes de Hopper e Thompson (1980), manchetes de jornais *online*, em que se observe o emprego do presente do indicativo em referência ao passado recente. Com base nos resultados da análise, demonstramos que alguns indicadores de transitividade precisam ser interpretados com cuidado, considerando-se a natureza do *corpus* analisado. No caso das manchetes de jornais *online*, percebemos ser mais relevantes ou chamativas aquelas em que não se verificam algumas das características prototípicas de sentenças altamente transitivas.

PALAVRAS-CHAVE: transitividade; emprego do presente do indicativo em referência ao passado recente; manchetes de jornais *online*;

ABSTRACT:

In This paper, we analyze, based on the parameters of transitivity of Hopper and Thompson (1980), newspaper headlines online, in which the use of the present tense is observed in reference to recent past. Based on the results of the analysis, we conclude that some indicators of transitivity need to be interpreted cautiously, considering the nature of the data. In the case of newspaper headlines online, we have found to be most

relevant or attractive those which do not have some of the prototypical characteristics of highly transitive sentences.

KEYWORDS: transitivity; use of the present tense in reference to the recent past; newspaper headlines online.

Introdução

A Internet, com suas novas ferramentas e tecnologias, tem provocado algumas transformações no modo de transmitir a notícia, ao buscar publicar os fatos quase que instantaneamente. Nesse contexto, um dos recursos utilizados, para enfatizar a velocidade com que são transmitidas as notícias *online* e conferir-lhes um estatuto de novidade, é o emprego, em manchetes de jornais *online*, do presente do indicativo em referência ao passando recente, conforme ilustra o exemplo a seguir:

(1) Dilma *convida* o deputado Brizola Neto para assumir o Ministério do Trabalho (O Globo, 30/04/12).

Charaudeau (2007) chama a atenção para a obsessão do presente e a ausência de perspectiva na mídia, que tem de informar os acontecimentos numa “co-temporalidade enunciativa”. Assim sendo, segundo o autor, há uma tentativa de aproximar dois momentos opostos em uma cadeia temporal: “instante do surgimento do acontecimento > instante da produção midiática > instante da saída do produto midiático > instante do consumo da notícia. No caso do jornalismo *online*, os momentos do surgimento do acontecimento e do seu consumo pelo leitor devem ser quase instantâneos. Em função disso, o emprego do presente do indicativo constitui um importante recurso, uma vez que confere à notícia um estatuto de co-temporalidade enunciativa.

Neste texto, temos como proposta analisar, sob a perspectiva teórica da Linguística Funcional e, mais especificamente, sob o viés da transitividade, nos moldes postulados por Hopper e Thompson (1980), manchetes de jornais *online* (*O Globo*, *Jornal do Brasil* (JB), *O Dia* e *O Extra*), em que se observe o emprego do presente do indicativo em referência ao passado recente.

Nosso interesse pelas manchetes em que constem o tempo presente referindo-se ao passado recente relaciona-se à sua recorrência nas primeiras páginas de jornais *online* e ao fato de tal uso do presente do indicativo não ser

considerado por muitos gramáticos¹, embora tenhamos encontrado, em algumas obras, breves referências a esse tipo de emprego. Damos destaque aqui a Said Ali (1964) cuja explicação se encaixa perfeitamente ao uso do presente do indicativo que observamos nas manchetes de jornais *online*. Segundo o autor, o uso do presente para se referir ao passado é um recurso utilizado para atrair a atenção dos nossos interlocutores. Sendo assim, atos pertencentes ao domínio do passado, que deveriam naturalmente ter como forma de expressão o verbo no pretérito, aparecem por meio do verbo no presente, por serem as imagens remotas apagadas, em relação às atuais, e, desse modo, quando lançamos mão do tempo presente, a impressão é a de que os fatos se tornam mais vivos para o ouvinte.

Pretendemos, com base em peculiaridades observadas na análise das manchetes de jornais *online* e, em especial, no tipo de uso do presente do indicativo referido, demonstrar que os indicadores de transitividade precisam ser interpretados com cuidado, considerando-se a natureza do *corpus* analisado, pois, em alguns casos, como será aqui demonstrado, menos pode valer mais.

A organização deste trabalho é a seguinte: primeiramente, discorreremos sobre os conceitos de tempo; em seguida, teceremos explicações sobre a orientação teórica e metodológica da pesquisa para, na sequência, nos dedicarmos à análise dos dados. Por fim, apresentaremos as conclusões e os comentários referentes aos resultados encontrados.

1. Definições de tempo

A definição de tempo já intrigou diversos filósofos e linguistas e, geralmente, a divisão mais encontrada em estudos linguísticos compreende o tempo cronológico, o tempo psicológico e o tempo gramatical. Corôa (2005), em seu livro *O Tempo nos verbos do português*, apresenta algumas definições de estudiosos sobre o tema e explica que a divisão tripartida de tempo, organizada por Santos (1974), é a mais comumente aceita:

(...) O primeiro – tempo cronológico – é caracterizado por um ponto em contínua deslocação em direção ao futuro, de duração constante, uniforme, irreversível. O segundo – psicológico – não tem duração constante e uniforme porque existe em função do mundo interno do

1 Conferir em SILVA (2013), o tratamento dispensado ao presente do indicativo em diversos compêndios gramaticais.

indivíduo: pode parar, retroceder, acelerar-se etc. O terceiro – gramatical – é aquele caracterizado em português por um radical acrescido dos morfemas típicos (SANTOS, 1974, *apud* CORÔA, 2005, p. 24).

Segundo Corôa (2005), Reichenbach (1948) foi o primeiro a dar uma interpretação temporal às línguas naturais, a partir da lógica, e a reconhecer que a teoria da relatividade afetou não só os conceitos da física, mas também as verdades filosóficas.

Para entender melhor as três teorias que envolvem a questão do tempo, Corôa (2005) discorre sobre três visões diferentes do mundo relacionadas ao tempo absoluto, ao tempo relacional e ao tempo relativo.

A primeira teoria fundamenta-se em Newton e Galileu e considera que o tempo possui existência ontológica:

Os momentos são posições temporais e não dependem de eventos para existir. Eventos são ontologicamente separados dos momentos, mas se dão necessariamente neles. Assim, as relações temporais entre eventos são derivadas dos momentos em que ocorrem (CORÔA, 2005, p. 26).

A segunda teoria é definida a partir de Aristóteles, sendo o tempo considerado o número de movimentos relativamente a ‘antes’ e ‘depois’ (2005, p. 26). Sob tal perspectiva, o tempo é constituído a partir dos eventos e suas relações, portanto, os momentos são estabelecidos com base nos eventos.

A terceira e última teoria, que causou uma revolução nos estudos sobre o tempo, modificando o esquema newtoniano, é a Teoria da Relatividade Especial (TRE), formulada inicialmente por Albert Einstein. A teoria de Einstein apresenta uma nova visão sobre a relatividade na percepção do evento, ou seja, os seus exemplos clássicos trazem uma reflexão de que as relações temporais entre percepções de eventos não se assemelham diretamente às relações temporais entre os eventos, propriamente ditos. Reichenbach (1965, p. 2) explica que a TRE “despiu o tempo de seu caráter de processo irreversível e mostrou que existem eventos cuja sucessão temporal pode ser considerada na direção oposta”.

Uma interessante contribuição desta teoria é a de relacionar o tempo à perspectiva do observador. Assim sendo, a simultaneidade e a sucessividade dos eventos dependem da posição do observador, e o caráter unidirecional do tempo e sua irreversibilidade dependem do seu referencial. O observador será,

então, “um sistema fixo de referência dentro do qual o conjunto temporal se encontra” (CORÔA, 2005, p. 30).

Reichenbach (1948) baseia-se na Teoria da Relatividade Especial (TRE) para o estudo dos *tempora* verbais construídos em torno de três pontos temporais: momento do evento, momento da fala e sistema de referência. Para entendermos melhor sua proposta, vejamos a representação criada pelo autor. No esquema apresentado, E, R e S, do inglês *event*, *reference* e *speech*, correspondem, respectivamente, a momento do evento, ponto de referência e momento da fala; os traços significam precedência ou anterioridade temporal; e as vírgulas, simultaneidade.

<i>Structure</i>	<i>New name</i>	<i>Traditional name</i>
E – R – S	Anterior past	Past perfect
E, R – S	Simple past	Simple past
R – E – S		
R – S, E	Posterior past	
R – S – E		
E – S, R	Anterior present	Present perfect
S, R, E	Simple present	Present
S, R – E	Posterior present	Simple future
S – E – R		
S, E – R	Anterior future	Future perfect
E – S – R		
S – R, E	Simple future	Simple future
S – R – E	Posterior future	

Quadro1: Representação de Reichenbach

Fonte: REICHENBACH (1948: 297, *apud* Corôa, 2005, p. 35).

Corôa (2005, p. 38) explica que o momento do evento é aquele que se manifesta de forma mais concreta e consegue captar objetivamente o intervalo de tempo em que ocorre o processo, evento, ação, ou estado. O momento da fala está mais relacionado ao ato comunicativo e à pessoa do discurso, e o momento de referência é o mais complexo dos construtos, já que sua natureza é estritamente teórica e, por este motivo, está mais afastado do ato de comunicação do que o momento da fala.

A autora apresenta ainda alguns exemplos no tempo presente *_ Em 1914 eclode a Primeira Guerra; Em 1939 eclode a Segunda Guerra; Em 2005 o Brasil vota sobre a venda de armas _* e explica que os três usos do presente

exemplificados são distintos. De acordo com Corôa (2005), compreendemos tal distinção, devido à indicação do momento de referência, ou seja, o ano em que ocorrem os fatos. Assim sendo, a cronologia entre as sentenças é percebida por essa medida de tempo, e a relação entre os usos do presente se mantém dentro de um sistema referencial.

Jerpersen (1954, *apud* Corôa, 2005, p. 41) afirma que o presente pode ser visto como “ponto sem duração (limite entre passado e futuro) que se move continuamente para a direita e cuja extensão varia com as circunstâncias”. Jerpersen se refere ainda a três momentos:

Momento do Evento (ME): é o momento em que se dá o evento (processo ou ação) descrito; é o tempo da predicação.

Momento da Fala (MF): é o momento da realização da fala; o momento em que se faz a enunciação sobre o evento (processo ou ação); é o tempo da comunicação.

Momento de Referência (MR): é o tempo da referência; o sistema temporal fixo com respeito ao qual se definem simultaneidade e anterioridade; é a perspectiva do tempo relevante, que o falante transmite ao ouvinte, para a contemplação do ME (JESPERSEN, 1954, *apud* CORÔA, 2005, p. 41).

Para Corôa (2005), o presente histórico ou dramático não deve ser considerado uma exceção, mas sim um tempo psicológico, no qual o falante narra os eventos a partir de uma perspectiva que vai além do tempo da enunciação. Dessa forma, um mesmo evento pode ser visto de diferentes perspectivas, ou seja, no momento em que o evento ocorre (ME), o momento de referência (MR) pode ser anterior, posterior ou simultâneo ao momento da fala (MF). Do mesmo modo, o momento do evento (ME) pode ser anterior, posterior ou coincidir com o momento de referência (MR).

Fiorin (2010), em seu livro *As astúcias da enunciação*, também tece comentários importantes acerca do tempo. Para o autor, o tempo pode ser subdividido nas seguintes categorias: o tempo dominado, o tempo demarcado, o tempo sistematizado, o tempo transformado, o tempo harmonizado, o tempo subvertido e, por último, o tempo desdobrado.

Conforme relata Fiorin, o tempo sempre foi uma preocupação que intrigou a humanidade, desde a mitologia grega com o mito de Mnemosyne, a memória que preside à função poética, que juntamente com Lethe, o Esquecimento, forma um par de forças religiosas. O autor também descreve o desenvolvimento de uma mitologia de Chronos, o Tempo: “Chronos está na origem do cosmo, pois

gera o ovo cósmico que, ao se partir, dá origem ao céu e à terra e faz surgir Phanes, divindade hermafrodita, que concilia a oposição macho-fêmea (cf. Vernant, 1973, p. 88-89)” (FIORIN, 2010, p. 128).

Baseando-se em Vernant, Fiorin explica que a divinização do tempo está ligada a uma incompatibilidade de um domínio da experiência temporal, o da existência humana, com a concepção de um devir cíclico. No período arcaico, o tempo da existência integrava-se ao tempo cíclico do cosmo, mas depois este tempo tornou-se destrutivo.

Para falar sobre como o tempo foi analisado na filosofia, o autor escolhe dois filósofos: Aristóteles e Santo Agostinho. A obra *Poética* de Aristóteles concebe o tempo como um fenômeno físico, por isso vai abordá-lo efetivamente em outra obra, a *Física* (IV, 10, 218^a a 220b). O filósofo nega que o tempo seja movimento, mas admite que ele não existe sem a mudança nem sem o movimento, e conclui que ele é a medida do movimento segundo o anterior e o posterior.

Santo Agostinho (1989) elabora uma teoria sobre o tempo em seu livro XI das *Confissões* e sua reflexão busca auxílio na meditação das relações entre o tempo e a eternidade e parte das aporias de Aristóteles: o ser e o não ser do tempo e a medida do que não é. Agostinho observa que o passado não tem ser, porque não é mais, o futuro, porque ainda não é, e o presente, porque não permanece (XIV, 17). Sobre o presente, especificamente, Santo Agostinho explica que é importante compará-lo com a eternidade: “Com efeito, se o presente fosse sempre presente e não transitasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade (XIV, 17)” (FIORIN, 2010, p. 129).

A partir desse pensamento, Santo Agostinho questiona como podemos medir o tempo em longo ou curto, se ele não existe? Faz também uma reflexão sobre o presente e conclui que este é o tempo que não permanece e que não tem extensão.

Se se concebe um ponto no tempo que não possa ser dividido em parcelas de tempo, por pequenas que sejam, é somente esse ponto que pode ser chamado presente e esse ponto é levado tão rapidamente do futuro para o passado que não tem nenhuma extensão, dividir-se-ia em passado e futuro: o presente não tem nenhuma extensão (XV, 20) (FIORIN, 2010, p. 129).

Para o filósofo, o tempo é medido enquanto passa, pois o passado e o futuro não são mensuráveis, mas seu ser está ligado à linguagem, por isso, pode-se predizer o futuro e narrar o passado. A memória e a espera fazem parte de um

presente alargado e estão relacionadas a uma imagem que já existe, que precede o acontecimento, que ainda não existe na realidade.

Santo Agostinho então critica a classificação de tempo em passado, presente e futuro, e chega à conclusão de que existem três modalidades de presente: o passado (a memória), o presente (o olhar, a visão), e o futuro, (a espera). Para ele, o que sempre permite medir o tempo é a linguagem, o tempo não tem suporte cosmológico, e é na estrutura do triplo presente que se estabelece o fundamento da extensão e da medida do tempo. Outra observação importante é a de que o tempo não está relacionado ao movimento exterior, mas é a impressão causada no espírito pelas coisas que passam. Santo Agostinho, então, abandona o tempo físico e se interessa pelo tempo linguístico, já que a linguagem é a que propicia ao homem a experiência temporal. Há também, em sua obra, uma distinção entre temporalização e aspectualização do tempo, a primeira está relacionada à aplicação de uma categoria topológica *concomitância vs não-concomitância* (anterioridade vs posterioridade) a um dado momento de referência, a segunda, à transformação de ações em processos.

Fiorin (2010) explica que a temporalização e a aspectualização são categorias gramaticais diferentes, mas estão relacionadas, pois o processo, mesmo sendo temporal, só pode ser apreendido em sua aspectualidade. A temporalização se materializa na linguagem, na narração, em que se apresentam as mudanças, as sucessões dos acontecimentos, as antecipações, as memórias, pois a narrativa é uma transformação.

Por último, Fiorin (2010) nos apresenta o argumento agostiniano de que ao criar o mundo, Deus cria o tempo, o espaço e os seres; as categorias da enunciação existem a partir do momento em que são enunciadas. Assim, o homem também cria tempos, espaços e pessoas na enunciação. A diferença para Santo Agostinho é a de que o *Verbum* divino é eterno, enquanto o *uerba* humanos está submetido ao tempo. Fiorin observa que há em Santo Agostinho um embrião de uma teoria linguística do tempo ou uma teoria discursiva da temporalização, e conclui que o tempo é realmente uma categoria da linguagem manifestada diferentemente por cada língua.

Na parte sobre o tempo demarcado, Fiorin (2010) recorre à Benveniste (1989), para quem a temporalidade é produzida na e pela enunciação e, a partir dela, é que se instaura a categoria do presente, responsável pelo nascimento da categoria do tempo. Para Benveniste, situar um acontecimento no tempo crônico é diferente de inseri-lo no tempo da língua, já que o tempo linguístico não se restringe ao tempo crônico, pois há um tempo específico da língua. O discurso é o ponto de partida para a instauração de um *agora*, momento da

enunciação. E o tempo presente é definido como a contemporaneidade entre o evento narrado e o momento da narração. A análise de Benveniste mostra que o presente não pode ser localizado em divisões do tempo crônico, pois ele admite todas e não exige nenhuma.

Esse *agora* gerado pela linguagem torna-se um eixo que ordena a categoria topológica da *concomitância vs não-concomitância*, que se articula em *anterioridade vs posterioridade*. A anterioridade e posterioridade são, portanto, pontos de vista relacionados ao momento do fazer enunciativo, o eixo ordenador do tempo.

Para Fiorin (2010), há dois sistemas temporais: um relacionado ao momento da enunciação (sistema enunciativo) e outro ordenado em função de momentos de referência instalados no enunciado (sistema enuncivo). No momento da enunciação, é aplicada a categoria topológica *concomitância vs não-concomitância* e, então, há três momentos de referência: concomitante, anterior ou posterior ao momento da enunciação. Há também dois momentos de referência explicitados: o pretérito (anterior à enunciação) e o futuro (posterior à enunciação). Estes ordenam dois subsistemas temporais enuncivos. Há ainda três momentos importantes na constituição do sistema temporal: momento da enunciação (ME), momento de referência (MR) e o momento do acontecimento (MA).

Para nós, interessam os sistemas do presente e do pretérito descritos a seguir:

O sistema do presente possui três tempos: presente (concomitância em relação ao agora); pretérito perfeito 1 (anterioridade em relação ao agora); futuro do presente (posterioridade em relação ao agora). O sistema do pretérito tem os seguintes tempos: pretérito perfeito 2 e pretérito imperfeito (concomitância em relação a um marco temporal pretérito: o perfeito indica uma ação acabada e o imperfeito, uma ação inacabada, em transcurso); pretérito mais-que-perfeito (anterioridade em relação a um marco temporal pretérito); futuro do pretérito (posterioridade em relação a um marco temporal pretérito) (FIORIN, 2009, p. 61).

O autor faz mais algumas observações importantes a respeito do tempo presente como, por exemplo, a de que o presente marca uma coincidência entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente. Para ele deve existir uma tripla coincidência: $MA = MR = ME$, mas afirma que é necessário precisar esta coincidência mencionada, pois nem sempre é possível delimitar o momento da enunciação.

Fiorin (2010, p. 149) descreve três casos de relações entre o momento de referência e momento da enunciação com exemplos. O primeiro é o presente pontual, em que há coincidência entre MR e ME: “Um pássaro de plumagem azul *risca* o quadro num rápido vôo diagonal e *fere* como um dardo a fronde da acácia. (...) (VGP, p. 180)”. Neste caso, os acontecimentos ocorrem no momento de referência presente, por isso há coincidência com o momento da enunciação.

O segundo é o do presente durativo, quando o momento de referência se estende mais do que o momento da enunciação. Aqui ele faz uma ressalva sobre a duração que pode ser descontínua (presente iterativo) ou contínua (presente de continuidade). “Última aula. *Faço* uma recapitulação de toda a matéria dada durante o semestre”. No exemplo apresentado, o momento de referência é a duração da aula, que se prolonga mais do que o momento de enunciação.

O terceiro e último caso é o do presente omnitemporal ou gnômico, em que o momento de referência e o do acontecimento são ilimitados. Este tempo é muito utilizado nos provérbios, nas definições, nas descrições de estados imutáveis. “O homem é um animal racional”.

Observamos que nenhum desses tipos de presente categorizados pelo autor corresponde ao uso do presente do indicativo nas manchetes de jornais *online*. Entretanto, vemos com bastante interesse sua explanação sobre o tempo subvertido cuja explicação se baseia nos conceitos de *debreament* (projeção para fora da instância da enunciação dos tempos que constituem o enunciado) e de *embreament* temporal (o retorno à instância da enunciação). Segundo o autor, a *debreament* produz uma enunciação enunciada, em que os tempos do enunciado simulam os tempos da enunciação (tempos do ato de dizer), ou um enunciado enunciado, em que o efeito é o da ilusão de estarmos diante da temporalidade dos acontecimentos (tempo dos eventos), uma temporalidade não-linguística.

Fiorin (2010) ainda faz referência à neutralização das categorias do tempo, em que demonstra que o tempo é uma construção do enunciador, que pode presentificar o passado, transformar o futuro em presente, o que torna os fatos mais próximos do ouvinte ou leitor.

Por fim, o autor esclarece que os tempos no discurso não seguem as regras rígidas do sistema, eles se articulam e criam efeitos de sentido, mas obedecem a coerções semânticas.

2. Orientação teórico-metodológica

Ganharam notoriedade, nos anos de 1970, pesquisas de linguistas como Gillian Sankoff, Penelope Brown, Paul Hopper, Sandra Thompson e Talmy

Givón. Os achados de tais pesquisas determinaram a ascensão de uma forte tendência identificada com a reivindicação de uma linguística baseada no uso:

O texto que é considerado o pioneiro no desenvolvimento das ideias da escola funcionalista norte-americana foi *The origins of syntax in discourse: a case study of Tok Pisin relatives*, publicado por Gillian Sankoff e Penelope Brown em 1976. Neste trabalho, as autoras fornecem evidências das motivações discursivas geradoras das estruturas sintáticas de relativização do Tok Pisin, língua de origem pidgin de Papua- Nova Guiné, ilha ao Norte da Austrália. (KENEDY; MARTELOTTA, 2003, p. 22)

Nos trabalhos desses linguistas, pode-se observar a concepção funcionalista de gramática, que serviu de base a trabalhos posteriores: a gramática sendo entendida como um conjunto de regularidades decorrentes de pressões relacionadas a aspectos de natureza cognitiva e discursivo-pragmática.

Um dos estudos empreendidos de acordo com essa concepção e que se tornou um marco nos estudos linguísticos foi o de Hopper e Thompson (1980) acerca da transitividade.

2.1 A propriedade escalar da Transitividade segundo Hopper e Thompson (1980)

De acordo com Abraçado (2014), apesar de Hopper e Thompson (1980) se inspirarem no entendimento tradicional de transitividade (segundo o qual, uma atividade é transferida de um agente para um paciente), a abordagem proposta pelos autores difere do tratamento dispensado à transitividade tradicionalmente, uma vez que, neste caso, em geral, a transitividade é associada unicamente aos verbos que, por sua vez, são classificados como transitivos (os que “precisam” de complemento(s)) e intransitivos (os que dispensam ou não “precisam” de complementação).

Para Abraçado (2014), ao adotarem a visão de que a transitividade se refere à transferência de uma ação de um agente para um paciente e, portanto, quanto mais efetiva for a transferência mais transitiva será a sentença, Hopper e Thompson (1980) assumem ser a transitividade uma propriedade escalar sujeita a condicionamentos de fatores sintáticos, semânticos e discursivos.

Os traços componentes da Transitividade segundo Hopper e Thompson (1980) podem ser conferidos no Quadro 2:

COMPONENTES	ALTA TRANSITIVIDADE	BAIXA TRANSITIVIDADE
Participantes	2 ou mais: Agente (A) e Objeto (O)	Um
Cinese	Ação	Não ação (estado)
Aspecto	Télico	Atélico
Pontualidade	Pontual	Não pontual
Volitividade	Volitivo	Não volitivo
Polaridade	Afirmativa	Negativa
Modalidade	Realis	Irrealis
Agentividade	A de alta potência	A de potência fraca
Afetamento de O	O totalmente afetado	O não afetado
Individualização de O	O individuado	O não individuado

Quadro 2: Traços componentes da transitividade

Fonte: Hopper e Thompson (1980).

Considerando o quadro 2, apresentamos, a seguir, uma breve explicação dos traços componentes da transitividade, tomando como base Hopper e Thompson (1980) e Abraçado (2014):

Participantes: uma ação só pode ser transferida se houver, pelo menos, dois participantes: A e O (*João acariciou a namorada VS. João viajou*).

Cinese: ações podem ser transferidas de um participante para outro, estados não podem (*João beliscou Maria VS. João aparenta felicidade*).

Aspecto: uma ação vista de seu ponto final (completa) é mais efetivamente transferida para um paciente do que uma ação vista em seu desenvolvimento (*João comprou um apartamento VS. João está comprando um apartamento*).

Punctualidade: ações finalizadas sem uma fase transicional óbvia entre início e fim têm um efeito marcadamente maior do que ações que são inerentemente contínuas (*João procurou sua carteira o dia inteiro VS. João encontrou sua carteira embaixo da cama*).

Volitividade: quando A age intencionalmente, a ação se dá mais efetivamente do que quando não há uma intenção definida de A (*João comprou um chaveiro na banca de jornal VS. João esqueceu o chaveiro na banca de jornal*).

Polaridade: refere-se à distinção entre afirmação e negação, sendo a afirmação mais efetiva do que a negação (*João quis ofendê-la VS João não quis ofendê-la*).

Modalidade: uma ação que não aconteceu, ou que é descrita como ocorrendo no plano irreal, é menos efetiva do que uma ação ocorrida ou do que uma ação que corresponde a um evento no plano real (*João pediu empréstimo ao banco para comprar um imóvel VS. Talvez João peça empréstimo ao banco para comprar um imóvel*).

Agentividade: participantes mais agentivos, potencialmente, podem transferir uma ação mais efetivamente do que participantes menos agentivos, potencialmente (*O ladrão me feriu VS. Suas palavras me feriram*).

Afetamento do objeto: a transferência de uma ação ocorre em um grau maior se o paciente for totalmente afetado (*João provou a comida VS. João devorou a comida*).

Individualização do objeto: uma ação é mais efetivamente transferida para um paciente individuado do que para um paciente não individuado (*João adora a mãe VS João adora vinho*).

Conforme detalhamento apresentado no quadro 3, este último traço se desdobra em outros seis traços:

Individuado	Não individuado
Próprio	Comum
Humano, animado	Inanimado
Concreto	Abstrato
Singular	Plural
Contável	Incontável
Referencial, definido	Não referencial

Quadro 3: Individualização do Objeto

Fonte: Hopper e Thompson (1980).

O interessante nessa proposta de análise é que a marcação positiva ou negativa de algum dos traços componentes em uma dada sentença não determina a classificação da transitividade como um todo. Como os traços são analisados separadamente, a presença, por exemplo, de um objeto direto ou indireto torna-se apenas um indicativo levado em conta na classificação de uma sentença como mais ou menos transitiva.

Furtado da Cunha *et al.* (2003) apresentam alguns exemplos que ilustram a diferença de abordagem da transitividade pela gramática tradicional e por Hopper e Thompson: a) Batman derrubou o pinguim com um soco; b) A Mulher Gato não gostava do Batman; c) Esse rio tem uma forte correnteza e d) Então o pinguim chegou na festa. A explicação dos autores contrasta as duas abordagens, mostrando que, segundo a classificação tradicional, as três primeiras sentenças são consideradas transitivas, pois têm como complemento do verbo um objeto. Mas, se se considera os traços componentes propostos por Hopper e Thompson (1980), a primeira sentença é a que apresenta o maior grau de transitividade por ser marcada positivamente pelos dez traços: dois participantes (Batman e Pinguim), verbo de ação (derrubou), aspecto perfectivo (verbo no pretérito perfectivo), verbo punctual, o sujeito age intencionalmente, a polaridade é afirmativa e o modo é indicativo, o sujeito é agentivo (alguém pratica a ação), afetamento do objeto é total e, por fim, o objeto é individuado. Os autores esclarecem ainda que a última sentença, considerada intransitiva na perspectiva tradicional, ocupa a segunda posição na escala de transitividade nos moldes de Hopper e Thompson (1980), em que são marcados positivamente os seguintes traços: cinese; aspecto perfectivo; pontualidade; volitividade; polaridade afirmativa; modalidade *realis* e sujeito agentivo.

2.2 Outros estudos sobre transitividade

Conforme explica Abraçado (2014), “O texto ‘Transitivity in grammar and discourse’, de Hopper e Thompson (1980), serviu de base para muitos outros estudos em diferentes línguas”. E, na esteira da autora, daremos destaque a alguns “que contribuíram para a reflexão e refinamento da noção de transitividade”.

Um dos importantes estudos citados por Abraçado (2014) foi o de Slobin (1982) e De Lancey (1987). Segundo Abraçado (2014, p.14),

Slobin (1982), por exemplo, constatou que os eventos prototípicos mais salientes correspondem a ações mais transitivas. O autor encontrou evidência empírica da realidade perceptual das ações mais transitivas, “ao constatar que as crianças demonstram perceber mais clara e imediatamente as ações em que um agente animado causa, intencionalmente, uma mudança física e perceptível no estado ou locação de um paciente por meio de um contato físico direto” (ABRAÇADO, 2003).

De Lancey (1987), na mesma direção, demonstra que a interpretação de qualquer enunciado baseia-se no contexto do mundo real, sendo

mais fácil explicar o fenômeno discursivo através de um modelo semântico prototípico do que explicar os fatos semânticos por intermédio de uma teoria discursiva da transitividade. O autor entende que os traços componentes da transitividade codificam aspectos de um protótipo semântico, que é reflexo de um esquema cognitivo subjacente. Assim, a associação estabelecida entre transitividade e figura no discurso, segundo o autor, deve-se ao fato de que a primeira reflete a saliência cognitiva do evento codificado.

Abraçado (2003, *apud* McCLEARY, 1982), também relaciona a transitividade a uma função cognitiva associada à forma de percepção de um evento:

[...] o aspecto mais relevante para nós do trabalho de McCleary é aquele em que ele distingue duas funções no discurso: (a) função comunicativa (responsável pela organização interna do discurso); e (b) função cognitiva (responsável pela organização e interpretação do mundo exterior). Através dessa distinção, diferentemente de Hopper & Thompson, que consideram a transitividade como uma propriedade determinada pelo discurso, McCleary desloca transitividade do domínio discursivo para o domínio cognitivo, associando-a a traços da situação percebida como evento causal prototípico (p. 68-70). Sob essa perspectiva, a transitividade assume uma função cognitiva associada à forma de percepção de um evento e, em segundo plano, vê-se refletida na organização do discurso através de traços sintático-semânticos que se manifestam na codificação do evento percebido (ABRAÇADO, 2003, p. 32).

Em outra frente, conforme destaca Abraçado (2014, p15),

Silveira (1990) alega que o conceito de transitividade precisa ser redefinido e que a transitividade deve ser entendida como “uma propriedade discursiva relacionada à efetividade de realização de uma situação” (SILVEIRA, 1990, p. 113). A autora propõe ainda uma reestruturação no caráter binário da pontuação adotado por Hopper e Thompson (1980) para os componentes da transitividade. Com base em análise de *corpus* de narrativas orais, Silveira (1990) considera que as dimensões sejam eneárias, e não, binárias, e define que as escalas devam comportar a amplitude de zero a cinco.

Assim sendo, Silveira (1990) propõe a seguinte reestruturação: (i) o desmembramento dos traços pontualidade e modalidade em três níveis (0, 2.5 e

5), enquanto o aspecto continua com marcação binária (0 e 5); (ii) a eliminação do traço polaridade, com base em Martelotta (1986), para quem a negação de uma situação corresponde à afirmação de uma outra; (iii) a fusão, em um único traço, dos traços agentividade e individuação do objeto, com a alegação de ser difícil a identificação da atividade do sujeito como sendo baixa ou alta, uma vez que, para a autora, tanto o Agente quanto o Objeto têm participação igual e a relação entre eles explicita melhor a efetividade da realização de uma ação.

Pezatti (1994), contudo, com base em Dixon (1979), reclama da “interpretação errônea de Silveira (1990)”, no que concerne aos símbolos A e O, usados por Hopper e Thompson (1980), em referência aos dois participantes de uma cláusula de dois argumentos. Para Pezzatti (1994), a interpretação de que A e O correspondem a Agente e Objeto é equivocada:

Se A fosse entendido necessariamente como agente, não haveria necessidade do parâmetro agentividade. Devemos lembrar que, para Dixon, A e O são categorias sintáticas respectivamente de sujeito e objeto de verbo transitivo, e não papéis semânticos de agente e paciente. (PEZATTI, 1994, p. 47).

Abraçado (2014), por sua vez, referindo-se à polaridade, argumenta que o traço é apresentado sumariamente por Hopper e Thompson (1980) e da mesma forma descartado por outros autores. Apresenta alguns exemplos que demonstram a importância de se refletir sobre a complexidade de tal traço, em vez de simplesmente desconsiderá-lo. Os exemplos apresentados pela autora são os seguintes: João não visitou a mãe doente; João não deixou de visitar a mãe doente um dia sequer; João sequer visitou a mãe doente.

Em nossa análise, consideramos os dez traços componentes da transitividade postulados por Hopper e Thompson, que foram apresentados no Quadro 2. Cumpre-nos, no entanto, destacar que não encontramos um caso sequer de manchete com polaridade negativa.

Outro ponto importante a ser destacado diz respeito à relação entre o grau de transitividade e o relevo discursivo que, por sua vez, se relaciona ao modo de organização do discurso pelo falante. No caso das manchetes de jornais *online*, nota-se a prevalência de um agente animado que pratica a ação de forma intencional, havendo, por implicação, um objeto afetado. Entendemos, portanto, haver relação entre o grau de transitividade das manchetes de jornais *online* e a posição de destaque que ocupam, ou seja, a primeira página.

No que se refere ao modo de organização do discurso, é preciso se considerar que, em vez de falante e ouvinte, participantes próprios da linguagem oral, esta-

mos lidando com jornais *online*, de um lado, e com leitores de outro. Falaremos sobre as peculiaridades da linguagem do jornalismo *online* na seção seguinte.

3. Linguagem do jornalismo online

A linguagem do jornalismo possui características bem específicas e um modo de organização do discurso que pressupõe um contrato de comunicação midiática com o leitor. Charaudeau (2007, p. 129) explica bem essa questão do contrato entre autor e leitor que impõe certas restrições relacionadas à “dupla finalidade de credibilidade e captação”. Segundo ele, “as restrições relativas à posição das instâncias de comunicação e à captura do acontecimento dão instruções e impõem um modo de organização do discurso e um ordenamento temático”.

O jornalista então está preso a essas restrições e deve considerá-las na elaboração de cada notícia, mas o autor esclarece que o sujeito informante pode jogar com os componentes da situação de comunicação e estabelecer uma maneira própria de apresentar suas estratégias para prender a atenção do leitor. E também acrescenta que a notícia é construída dessa forma, e a informação é apresentada de acordo com certos modos discursivos. O jornalismo *online* possui suas próprias características, e a manchete expõe da forma mais direta e resumida a informação considerando o acontecimento em tempo real, por isso a linguagem adotada deve refletir a atualização constante da notícia.

Em um capítulo sobre a construção da notícia, Charaudeau (2007) discute a questão de que um acontecimento só existe a partir do momento em que o nomeamos e o consideramos em um discurso. Devemos, portanto, levar em conta as manchetes, suas peculiaridades, o seu contexto de uso, o veículo que as transmite e as pressões estabelecidas nesse tipo de comunicação entre autor e leitor.

Com relação ao tempo, o autor apresenta uma análise sobre a obsessão do presente e a ausência de perspectiva na mídia, que precisa informar os acontecimentos numa “co-temporalidade enunciática”, ou seja, há uma tentativa de aproximar dois momentos opostos em uma cadeia temporal: “instante do surgimento do acontecimento > instante da produção midiática > instante da saída do produto midiático > instante do consumo da notícia (CHARAUDEAU, 2007, p. 133).

No caso do jornalismo *online*, a informação é transmitida de forma imediata, sendo tal aproximação intensificada. O instante do surgimento da notícia e seu consumo pelo leitor devem ser quase instantâneos, o que justifica o uso do verbo no presente do indicativo cuja função é a de conferir o estatuto de instantaneidade e novidade à notícia veiculada.

A noção de atualidade para Charaudeau é de suma importância no contrato midiático entre autor e leitor e guia as escolhas temáticas. Podemos perceber isso nas manchetes de primeira página. Os temas selecionados para destaque em caixa alta são assuntos de influência e interesses gerais.

Para Charaudeau, há duas características essenciais do discurso midiático: sua efemeridade e sua a-historicidade. A primeira está relacionada ao presente da atualidade como ponto de referência absoluto no discurso; a segunda ao seu caráter a-histórico por conta da dificuldade em dar conta do passado e projetar o futuro. A notícia é efêmera, já que é atualizada a todo o momento, e para se renovar deve trazer um elemento novo, algo inesperado. Assim sendo, quando uma notícia é retomada, porque tem uma continuidade no presente e uma duração maior, deve oferecer novas informações que a tornem novamente atual.

Alguns critérios de importância na hierarquia dos acontecimentos são divididos pelo autor em duas categorias: critérios externos e internos. O primeiro classifica os acontecimentos em três tipos:

O acontecimento surge em sua factualidade, com um caráter inesperado, porque não podia ser previsto pelos sistemas de expectativa da vida social. É o acontecimento-acidente, o exemplo tipo sendo as chamadas catástrofes naturais (tremores de terra, tsunamis, inundações, furacões, etc.).

O acontecimento é programado pela existência de um calendário que pontua a organização e o desenvolvimento da vida social. Trata-se, aqui, de um advento, isto é, da aparição de algo conhecido ou anunciado antecipadamente, logo, esperado, como as manifestações esportivas (...), culturais (...) e os rituais da vida política institucional (...)

O acontecimento é suscitado porque é esperado e provocado por tal ou qual setor institucional – particularmente o setor do poder político – que faz pressão junto às mídias com fins estratégicos (CHARAUDEAU, 2007, p. 138).

Já os critérios internos estão relacionados às escolhas feitas pelas instâncias midiáticas, que estão subordinadas à maneira como as mídias criam suas representações para prender a atenção e o interesse do leitor.

Na parte sobre os *Modos de Organização do Discurso de Informação*, Charaudeau descreve os três critérios que regem o acontecimento midiático:

de atualidade, pois a informação midiática deve dar conta do que ocorre numa temporalidade co-extensiva à do sujeito-informador-

-informado (princípio de modificação); de expectativa, pois a informação midiática deve captar o interesse-atenção do sujeito alvo, logo deve jogar com seu sistema de expectativa, de previsão e de imprevisão (princípio de saliência); de socialidade, pois a informação midiática deve tratar daquilo que surge no espaço público, cujo compartilhamento e visibilidade devem ser assegurados (princípio de pregnância) (CHARAUDEAU, 2007, p. 150).

Ainda sobre o universo midiático, o autor explica que esse é um universo construído e que não corresponde ao reflexo do que acontece no espaço público, uma vez que o acontecimento não é apresentado em estado bruto, mas sofre intervenções, como os critérios de seleção dos fatos e atores, a maneira de apresentar os acontecimentos e impor ao leitor uma visão de mundo articulada pelo veículo de comunicação.

Francisco Alves Filho (2011) aborda a questão do tempo na notícia em seu livro sobre Gêneros Jornalísticos e expõe que a concepção do tempo recente faz parte da construção da notícia. Para ele, o surgimento da internet encurtou o tempo de validade das informações por conta de sua atualização minuto a minuto. O autor discute as consequências desse tipo de abordagem, como o desinteresse dos internautas pelos telejornais e jornais impressos que são considerados por muitos uma mídia ultrapassada.

Outra questão é o condicionamento dos usuários a uma atualização constante da notícia, que, segundo ele, exige que o critério de relevância passe a ser relativizado, uma vez que o internauta deve se interessar por uma variedade de fatos, o que talvez crie uma dependência desse formato, e a dificuldade de filtrar o que é realmente importante.

O que notamos em todas as análises sobre a linguagem midiática é o poder da tecnologia que proporciona novas formas de produção e recepção de conteúdos diversos. A informação mediada via computador atrai o leitor por oferecer um conteúdo diversificado, interativo, em uma linguagem mais direta e acessível, quase que instantaneamente.

4. Análise dos dados

A análise das manchetes selecionadas dos jornais *online*, como já salientamos, tem como alicerce os traços componentes da transitividade, segundo Hopper e Thompson (1980). Entendermos que a abrangência de tais traços possibilita a análise também abrangente dos elementos constitutivos das man-

chetes em questão, além de estabelecer relação entre o grau de transitividade e o relevo discursivo. Em outras palavras, se as sentenças em análise são manchetes e ocupam a primeira página de jornais *online*, por implicação, devem ser altamente transitivas.

Para a compreensão da natureza das manchetes e de suas peculiaridades, vamos analisar cada um dos traços componentes, começando pelo número de participantes.

4.1 Participantes

A quantidade de participantes é um fator fundamental para que se efetue a transferência da ação. Como explica Hopper e Thompson (1980), a transferência só é possível se houver, pelo menos, dois participantes: o sujeito e o objeto.

No caso específico das manchetes do Jornal *O Globo*, destaca-se a massiva presença de dois participantes (92% dos casos), com exceção de apenas quatro manchetes. Os sujeitos são, em sua maioria, abstratos e acompanhados de objetos diretos. Observemos amostras desses casos:

- (2) EUA *cancelam* contrato de compra de aviões Super Tucano da Embraer (28/02/12).
- (3) Dilma *justifica* nomeação de Crivella com necessidade de coalizão para governar (02/03/12).
- (4) ANP *anuncia* vazamento da Petrobrás a 500 metros de derramamento da Chevron (09/04/12).
- (5) Bandidos *param* camburão na Linha Vermelha e libertam menores infratores (24/05/12).

Nos outros jornais percebemos um número maior de ocorrências de manchetes com apenas um participante, mas, ainda assim, predominam as manchetes com dois participantes. Na sequência, apresentamos alguns exemplos de manchetes com apenas um participante, seguidos da Tabela 1 com os totais de ocorrência e os respectivos percentuais.

- (6) Greve de ônibus *chega* à Baixada e ao Sul Fluminense e atinge 20 municípios (O Globo, 30/03/12).
- (7) Bovespa *recua* e dólar tem forte alta em dia movimentado (JB, 12/03/12).

- (8) Motociclista *morre* após tentar furar blitz da polícia (O Dia, 05/04/12).
 (9) Ricardo Gomes *vai* a treino pela primeira vez após AVC (O Extra, 29/06/12).

Tabela 1: Totais de ocorrência e as porcentagens do traço Participante.

Participantes	O Globo	JB	O Dia	O Extra	Total
1	4/8%	5/11,6%	8/21,1%	7/28,6%	24
2	46/92%	38 /88,4%	30/78,9%	28/71,4%	142
Total	50/100%	43/100%	38/100%	35/100%	166

A supremacia da presença de mais de um participante nas manchetes analisadas se justifica pelo fato de tais manchetes veicularem fatos como decisões políticas, mudanças na economia, crimes e resultados de jogo de futebol, isto é, acontecimentos marcados pela dinamicidade.

4.2 Cinese

Verificamos, em nosso *corpus*, um alto índice de manchetes com verbos de ação, o que, de certo, se relaciona com o já observado índice elevado de mais de um participante nas manchetes analisadas.

Na sequência, apresentamos exemplos e tabela com resultados referentes ao parâmetro *Cinese*:

- (10) Operadores de MP e Polícias *fecham* casas de prostituição na Zona Sul do Rio (O Globo, 15/06/12).
 (11) Ministro do STF *determina* quebra do sigilo de Demóstenes (JB, 29/03/12).
 (12) Idoso *reage* a assalto e agride criminosos na rua (O Dia, 11/05/12).
 (13) Botafogo *vence* Vasco por 3 a 1 e conquista a Taça Rio (O Extra, 30/04/12).

Tabela 2: Totais de ocorrência e as porcentagens do traço Cinese.

Cinese	O Globo	JB	O Dia	O Extra	Total
Cinético	48/96%	40/93%	38/100%	35/100%	161
Não-cinético	2/4%	3/7%	0/0%	0/0%	5
Total	50/100%	43/100%	38/100%	35/100%	166

Considerando-se o pressuposto teórico de que sentenças mais transitivas correspondem a eventos mais salientes, o predomínio dos verbos de ação e de mais de um participante indicam que as manchetes dos jornais *online* são bastante transitivas.

4.3 Aspecto verbal

Em todas as manchetes coletadas e analisadas observa-se o aspecto atético (ou imperfeito), que se refere a ações não finalizadas. Logicamente, isso decorre do fato de, em todas as manchetes selecionadas, verificar-se o emprego do presente do indicativo em referência ao passado recente. Destacamos, no entanto, dois pontos que demonstram a importância e a particularidade do aspecto verbal no que diz respeito às manchetes de jornais *online*: (1) as ações expressas no presente do indicativo, nas manchetes analisadas, embora não estejam concluídas, são vistas pelo leitor como se referindo a acontecimentos já ocorridos; (2) seguindo o pensamento de Hopper e Thompson (1980), ações expressas por verbos téticos são mais eficazmente transferidas de um participante para outro, contudo, num contraponto, em relação às características de sentenças mais transitivas e, portanto, mais salientes, o aspecto tético (ou perfectivo), nas manchetes de jornais *online*, funcionaria de modo contrário, já que indicaria tratar-se de eventos do passado, não atuais e, por isso, desinteressantes.

Seguem exemplos que ilustram o emprego do aspecto atético nas referidas manchetes:

- (14) PF *abre* inquéritos para investigar corrupção e fraudes em hospitais (O Globo, 19/03/12).
- (15) Parlamentares *apoiam* posição de Dilma sobre os royalties (JB, 16/05/12).
- (16) Cet-Rio *pede* que motoristas tenham paciência (O Dia, 19/06/12).
- (17) Jogadores do Flamengo *driblam* imprensa e torcida no aeroporto (O Extra, 05/04/12).

4.4 Pontualidade

O traço pontualidade está relacionado à duração das ações. Assim sendo, são pontuais as ações em que não há uma fase de transição entre seu início e fim. Quanto mais pontual for a ação, mais efetiva será sua transferência de um participante para outro e, conseqüentemente, mais transitiva será a sentença.

Entretanto, conforme esclarece Laroça (2014, p, 74),

[...] em uma língua que distingue formas imperfectivas para indicar referência à estrutura interna de uma situação, a aspectualidade imperfectiva e a pontualidade são incompatíveis. Daí se infere que a Pontualidade ocorre em predicacões perfectivas, que é o aspecto

pelo qual o usuário vê o evento como um todo único, apesar de nem todo perfectivo ser pontual.

Como em todas as nossas manchetes verifica-se o aspecto atélico (ou imperfectivo), em todas elas também prevalece o caráter não pontual.

Estando a pontualidade relacionada à efetividade das ações (as ações que se realizam sem uma fase de transição são consideradas pontuais e mais efetivas), concluímos, considerados os resultados obtidos, que as manchetes de jornais *online* tendem a veicular ações menos pontuais e, portanto, menos efetivas.

4.5 Agentividade

Em relação à *agentividade*, encontramos outra peculiaridade das manchetes analisadas. Embora se verifique a presença de sujeito com características de agente, ou seja, capazes de efetuar a transferência de ações, notamos que os sujeitos em questão são em sua maioria abstratos, ou seja, agentes não prototípicos. Vejamos alguns exemplos de nosso *corpus* e a tabela com os resultados encontrados:

(18) PM *detém* 13 pessoas em operação contra o tráfico de drogas em Niterói e Maricá (O Globo, 08/03/12).

(19) Sindicato médico *critica* “política de saúde genocida” no Rio (JB, 25/02/12).

(20) Conselho *aprova* abertura de processo contra Demóstenes (JB, 08/05/12).

(21) Polícia *prende* acusado de violentar professora em curso de inglês (O Dia, 28/02/12).

(22) Eike *contrata* ex-ministro para defender filho (O Dia, 21/03/12).

Tabela 3: Totais de ocorrência e as porcentagens do traço Agentividade.

Agentividade	O Globo	JB	O Dia	O Extra	Total
Agentivo	41/82%	28/65,1%	32/84,2%	31/88,6%	132
Não-agentivo	9/18%	15/34,9%	6/15,8%	4/11,4%	34
Total	50/100%	43/100%	38/100%	35/100%	166

De qualquer forma, o que se observa nos números exibidos nesta tabela é a predominância de sujeitos agentivos, o que influi positivamente para a elevação do grau de transitividade das manchetes.

4.6 Volitividade do sujeito

Apesar de não serem agentes prototípicos, como acabamos de demonstrar, os sujeitos das manchetes *online* são em grande parte volitivos, isto é, agem intencionalmente, conforme ilustram os exemplos seguintes:

(23) Maioria dos ministros do STF *vota* a favor das cotas raciais na universidade (O Globo, 26/04/12).

(24) CPI: STF *autoriza* acesso ao inquérito contra Demóstenes (JB, 27/04/12).

(25) INSS *alerta* sobre carta falsa para os aposentados (O Dia, 13/03/12).

(26) Mano *convoca* Jefferson, Nem e Rômulo para a seleção brasileira (O Extra, 11/05/12).

Os verbos *votar*, *autorizar*, *alertar* e *convocar* expressam medidas em que a volitividade é inerente. Nas manchetes analisadas, os sujeitos controladores da ação representam setores políticos, sociais e jurídicos. Poucos são os casos como o exemplificado em (26).

Vejamos exemplos de manchetes em que não há o controle por parte dos sujeitos:

(27) Além de Niterói e Maricá, onda de violência *assusta* moradores de Cabo Frio (O Globo, 09/03/12).

(28) Com adesão do Cefet-Rj, greve *atinge* 51 universidades federais (JB, 05/06/12).

(29) Chuva *atinge* diversos bairros da cidade do Rio (O Dia, 28/03/12).

(30) Rio *registra* temperatura mais baixa do ano (O Extra, 01/05/12).

Nessas manchetes percebemos que não há volitividade por parte de um agente, visto que há a presença de sujeitos causativos, como a onda de violência, resultado do crescimento de atos violentos, a greve que atinge as universidades e a chuva que desvasta diversos bairros. Na última sentença, o registro da temperatura na cidade também não é um ato controlado. Os resultados referentes à volitividade do sujeito encontram-se na tabela que se segue:

Tabela 4: Totais de ocorrência e as porcentagens do traço Volitividade.

Volitividade	O Globo	JB	O Dia	O Extra	Total
Volitivo	42/84%	29/67,4%	26/68,4%	29/82,8%	126
Não volitivo	8/16%	14/32,6%	12/31,6%	6/17,2%	40
Total	50/100%	43/100%	38/100%	35/100%	166

4.7 Modalidade e polaridade

Como nosso *corpus* é constituído de manchetes que abordam assuntos que supostamente aconteceram, todas as sentenças são eventos reais que fazem parte de nosso cotidiano. De acordo com Hopper e Thomson (1980), eventos que ocorrem em um mundo real são mais eficazes do que ações hipotéticas. Visto que todas as sentenças estão no modo indicativo (100%), que corresponde ao modo real, e apresentam a polaridade afirmativa (100%), esses dois traços categoricamente contribuem para elevar o grau de transitividade das manchetes em análise.

4.8 Afetamento do objeto

Outro traço que contribui para a elevação do grau de transitividade das manchetes *online* é o *afetamento do objeto*, uma vez que, na maioria delas, verifica-se a presença de objetos afetados, como demonstram os exemplos e a tabela a seguir:

- (31) Depois da Argentina, Bolívia também *nacionaliza* uma empresa espanhola (O Globo, 01/05/12).
- (32) Região serrana: MPF *processa* secretários por irregularidades (JB, 27/06/12).
- (33) Civil *divulga* foto do suspeito de matar médico (O Dia, 16/04/12).
- (34) Mudança na caderneta *prejudica* poupadores (O Extra, 04/05/12).

Tabela 5: Totais de ocorrência e as porcentagens do traço Afetamento.

Afetamento	O Globo	JB	O Dia	O Extra	Total
Afetado	42/84%	33/76,7%	26/68,4%	23/65,7%	124
Não-afetado	8/16%	10/23,3%	12/31,6%	12/34,3%	42
Total	50/100%	43/100%	38/100%	35/100%	166

4.9 Individualização do objeto

Em relação à individualização do objeto, nota-se um baixo índice de objetos individuados, visto que, nas manchetes analisadas, predominam objetos comuns, inanimados, abstratos, que estão no plural, incontáveis e não determinados.

Nos exemplos que se seguem, ilustramos em (35) um caso de objeto individuado (*próprio, humano, animado, concreto, contável, singular, referencial, definido*) e em (36) de um objeto não individuado (*comum, não humano, inanimado, abstrato, incontável, não referencial e indefinido*):

(35) Dilma *manda* Ideli afastar assessor ministerial que teria ligação com Cachoeira (O Globo, 10/04/12).

(36) Dilma *prega* integração e defende “parceria entre iguais” (Jornal do Brasil, 14/04/12).

Na tabela seguinte, apresentamos os resultados relativos à individuação do objeto:

Tabela 6: Totais de ocorrência e as porcentagens do traço Individuação.

Individuação	O Globo	JB	O Dia	O Extra	Total
Individuado	9/18%	2/4,6%	4/10,5%	8/22,8%	23
Não-individuado	41/82%	41/94%	34/89,5%	27/77,2%	143
Total	50/100%	43/100%	38/100%	35/100%	166

Os resultados apresentados nesta e na tabela anterior demonstram que os objetos das manchetes *online*, embora afetados em sua grande parte, não apresentam as características que, segundo Hopper e Thompson (1980), são próprias de objetos de cláusulas mais transitivas.

Na tabela seguinte está o resultado geral de todos os traços analisados. Julgamos importante ressaltar que os traços *aspecto*, *pontualidade*, *modalidade* e *polaridade* não fazem parte da tabela, em função do que já expusemos anteriormente: em todas as manchetes o aspecto é atético, as sentenças não são pontuais, pertencem ao modo indicativo e, no que diz respeito à polaridade, todas são afirmativas.

Tabela 7: Totais de porcentagens de cada traço dos jornais online.

Parâmetros	O Globo	JB	O Dia	O Extra
Participantes	92%	88,4%	78,9%	71,4%
Cinese	96%	93%	100%	100%
Volitividade	84%	67,4%	68,4%	82,8%
Agentividade	82%	65,1%	84,2%	88,6%
Afetamento	84%	76,7%	68,4%	65,7%
Individuação	18%	4,6%	10,5%	22,8%

Conforme se pode observar, em todos os jornais *online*, predominam manchetes que correspondem a sentenças com alto grau de transitividade, uma vez que fica comprovada a prevalência de mais de um participante, de verbos cinéticos, de agentes volitivos e de objetos afetados. Podemos ainda acrescentar

a modalidade e a polaridade à lista de traços favorecedores da elevação do grau de transitividade das manchetes analisadas.

Conclusão

Neste texto, propomo-nos a analisar, sob o viés da transitividade, nos moldes postulados por Hopper e Thompson (1980), manchetes de jornais *online* (*O Globo, Jornal do Brasil, O Dia e O Extra*), em que ocorre o emprego do presente do indicativo em referência ao passado recente.

Na análise dos dados, visando à compreensão da natureza das manchetes dos jornais *online*, analisamos as manchetes que compõem nosso *corpus*, observando aspectos referentes a cada um dos traços componentes da transitividade. Os resultados que encontramos demonstram haver predominância de manchetes altamente transitivas.

Observamos, entretanto algumas peculiaridades, como: (i) a presença massiva de sujeitos abstratos, embora volitivos e com características de agente, ou seja, capazes de efetuar a transferência de ações; (ii) a exemplo do observado com o sujeito, também, em relação ao objeto, notamos que, ainda que sejam, em sua maioria, afetados pela transferência da ação verbal, não são individuados, ou melhor, não possuem as características que, segundo Hopper e Thompson (1980), são próprias de objetos de cláusulas mais transitivas; (iii) como as manchetes abordam assuntos que supostamente aconteceram, em todas elas se verificam o modo indicativo e a polaridade afirmativa.

Por fim, destacamos, relativamente ao aspecto verbal que, em todas as manchetes coletadas e analisadas, observa-se o aspecto atético, que se refere a ações não finalizadas, em virtude do fato de termos selecionado manchetes em que se verifica o emprego do presente do indicativo em referência ao passado recente. No entanto, algumas considerações importantes concernentes ao aspecto e, por decorrência, à pontualidade, precisam ser feitas.

Em consonância com Charaudeau (2007), entendemos que tal emprego é uma maneira de aproximar dois momentos opostos em uma cadeia temporal: o instante do surgimento do acontecimento e o instante do consumo da notícia pelo leitor. Considerando que, no caso do jornalismo *online*, o instante do surgimento do acontecimento e do consumo da notícia pelo leitor devem ser quase instantâneos, o emprego do presente do indicativo constitui um recurso para conferir à notícia um estatuto de co-temporalidade enunciática.

Também chamamos a atenção para o fato de que as ações expressas no presente do indicativo, nas manchetes analisadas, por não estarem concluídas (e, por conseguinte no perfectivo), também não são pontuais. Mas a ausência de pontualidade, quando relacionada ao aspecto, também remete à co-temporalidade enunciática².

Acrescentamos ainda que, diferentemente do postulado por Hopper e Thompson (1980) _ de que ações expressas por verbos em aspecto télico são mais eficazmente transferidas de um participante para outro e, por implicação, sentenças com tais características são mais transitivas e mais salientes _ no caso particular das manchetes de jornais *online*, o aspecto télico indicaria que as notícias veiculadas estariam relacionadas a eventos já terminados, pertencentes ao passado, ou seja, não atuais, o que poderia torná-las desinteressantes para o leitor. Assim sendo, concluímos que, no que diz respeito às manchetes de jornais *online*, o modo atélico e a não pontualidade provenientes do emprego do presente do indicativo em referência ao passado recente, por conferirem às referidas manchetes um estatuto de novidade e de instantaneidade, conferem-lhes também maior relevância e posição de destaque.

Por fim, entendemos que essas e outras peculiaridades observadas na análise das manchetes de jornais *online* confirmam a importância, no estudo da transitividade, de se ir além da marcação binária de cada traço. Em outras palavras, os indicadores de transitividade precisam ser interpretados com cuidado, considerando-se a natureza do *corpus* em análise, pois, como ficou aqui constatado, em alguns casos, o menos vale mais!

Referências

- ABRAÇADO, Jussara. *Por que transitividade traço a traço?* In: ABRAÇADO, Jussara; KENEDY, Eduardo. *Transitividade traço a traço*. Niterói: Eduff, 2014, p.9-22.
- _____. *Ordem de palavras: da linguagem infantil ao português coloquial*. Niterói: EDUFF, 2003.
- ALVES FILHO, Francisco. *Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2011.
- BENVENISTE, E. *Da subjetividade da linguagem*. In: *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1988.

2 Conforme assinalado anteriormente, nem toda ação no modo télico, finalizada, é pontual (Exemplos: *João correu atrás da bola* (não pontual) VS. *João chutou a bola* ao gol (pontual)).

- _____. *O aparelho formal da enunciação*. In: *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.
- CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. São Paulo: Parábola, 2005.
- DE LANCEY, Scot. *Transitivity in Grammar and Cognition*. In: TOMLIN, Russel S. (Ed.), *Discourse Relations and Cognitive Units*. Amsterdam: John Benjamins, 1987, p. 53-68.
- DIXON, Robert. M. W. *Ergativity*. *Language*, Baltimore, v. 55, n. 1, p. 59-138, 1979.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Editora Ática, 2010.
- _____. *Elementos de análise do discurso*. 14. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto: 2009.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de Oliveira; HOPPER, P.; THOMPSONS. *Transitivity in grammar and discourse*, *Language*, v. 56, p. 251-299, 1980.
- KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. *A visão funcionalista da linguagem no século XX*. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariangela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003.
- LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Pontualidade*. In: ABRACADO, Jussara; KENEDY, Eduardo. *Transitividade traço a traço*. Niterói: Eduff, 2014, p. 73-100.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros Textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Org.) *Gêneros Textuais e Ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. *O Presente do Indicativo no Discurso: implicações semânticas e gramaticais*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1986.
- MCCLEARY, L. E. *Transitivity in a Czech folk tale*. In: P. HOPPER & S. THOMPSON (ed.), 1982.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

- SAIDALI, Manoel. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 3. ed. Editora Universidade de Brasília, 1964.
- _____. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. Editora Universidade de Brasília, 1964.
- SILVA, Caroline Soares da. *O tempo presente em manchetes online: o uso do presente do indicativo para referência ao passado recente*. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras. Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2013.
- SANKOFF, Gillian; BROWN, Penelope. *The origins of syntax in discourse*. In: *Language*, v.52, n.3, p.631-666, 1976.
- SANTOS, Josecleide Elioterio dos; SILVA, Eliuse Sousa. *A manchete de jornal e a construção de sentidos: um estudo semântico-enunciativo*. In: Anais do VII Congresso Internacional de Abralín, Curitiba, 2011.
- SILVEIRA, Elisabeth Santos da. *Relevância em Narrativas Oraís*. Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 1990.

Sites dos jornais e revistas

- JORNAL DO BRASIL. Disponível em: <www.jb.com.br>. Acesso em: fevereiro-julho de 2012.
- JORNAL O GLOBO. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/>>. Acesso em: fevereiro-julho de 2012.
- JORNAL O DIA. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/portal/>>. Acesso em: fevereiro-julho de 2012.
- JORNAL O EXTRA. Disponível em: <<http://extra.globo.com/>>. Acesso em: fevereiro-julho de 2012.

Recebido em 7 de junho de 2014.

Aceito em 2 de setembro de 2014.